



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PSICOPEDAGOGIA

PATRÍCIA RODRIGUES DOS SANTOS

**A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NOS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM: O QUE  
PENSAM OS JOVENS?**

Orientadora: Profa. Dr<sup>a</sup>. Mariana Lins de Oliveira

João Pessoa, PB  
2017

PATRÍCIA RODRIGUES DOS SANTOS

**A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NOS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM: O QUE  
PENSAM OS JOVENS?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como  
requisito parcial para obtenção da aprovação na  
graduação de Psicopedagogia.

Orientadora: Profa. Dr<sup>a</sup>. Mariana Lins de Oliveira

João Pessoa, PB

2017

PATRÍCIA RODRIGUES DOS SANTOS

A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NOS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM: O QUE  
PENSAM OS JOVENS?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado de Psicopedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Psicopedagogia.

Orientador(a): Prof.<sup>a</sup> Dra. Mariana Lins de Oliveira

Aprovado em: 24 / 11 / 2017.

BANCA EXAMINADORA



Prof.<sup>a</sup> Dra. Mariana Lins de Oliveira (Orientadora)  
Universidade Federal da Paraíba



Prof.<sup>a</sup> Dra. Jeane Félix da Silva (Membro)  
Universidade Federal da Paraíba

S237p Santos, Patrícia Rodrigues dos.

A participação da família nos processos de aprendizagem: o que pensam os jovens? / Patrícia Rodrigues dos Santos. – João Pessoa: UFPB, 2017.  
30f.

Orientadora: Mariana Lins de Oliveira  
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Psicopedagogia) – Universidade Federal da Paraíba/Centro de Educação

1. Juventudes. 2. Família. 3. Processos de aprendizagem. I. Título.

UFPB/CE/BS  
37.064(043.2)

CDU:

## **RESUMO**

O objetivo geral deste estudo consistiu em conhecer a percepção dos jovens sobre a participação da família nos seus processos de aprendizagem. Para tanto, foram elencados como objetivos específicos: Discutir a relação das categorias juventudes, escola, família e aprendizagem; Investigar a relação dos jovens com a família e a escola; Analisar as narrativas dos jovens sobre como seus familiares tem participado do seu processo de escolarização. A participação da família é fundamental no processo educativo dos seus filhos, contribuindo assim, de maneira significativa no processo de formação e aprendizagem. Participaram desse estudo oito adolescentes de ambos os sexos, com faixa etária entre 15 e 18 anos moradores da cidade de João Pessoa, regularmente matriculados no 1º ano do Ensino Médio de uma escola Pública do Município de João Pessoa. Para a realização desta pesquisa foi aplicado um questionário semiestruturado que contém 23 perguntas fechadas e abertas, sendo 7 para obter dados sociodemográficos e 16 para o questionário psicopedagógico. Os achados da pesquisa mostram que a maioria dos jovens valoriza a presença da família nos processos de aprendizagem dos mesmos, como também na formação como sujeito, podendo assim contribuir em todos os aspectos do desenvolvimento. No que se refere a relação dos jovens e a escola, as falas apontam a instituição como um ambiente desinteressante. Neste aspecto a escola poderia buscar investigar os motivos por esse desinteresse, em que poderia encontrar soluções ou formas de tornar os alunos um ser mais participativo. A pesquisa alcançou os objetivos aqui propostos conhecendo a visão dos jovens sobre a participação da família nos processos de aprendizagem dos mesmos, além de contribuir academicamente para a temática em questão, bem como, ao universo da pesquisa uma melhor compreensão sobre as relações família e escola.

**Palavras-chave:** Juventudes. Família. Processos de Aprendizagem.

## 1 INTRODUÇÃO

Existem diversos fatores que podem influenciar a aprendizagem do ser humano, dentre eles destacam-se variáveis como escola, o ambiente familiar, aspectos afetivos, culturais e individuais. Contudo, este estudo tem como objeto central de investigação como a participação da família influencia nos processos de aprendizagem dos jovens.

A participação da família é fundamental no processo educativo dos seus filhos, contribuindo assim, de maneira significativa no processo de formação e aprendizagem. A família tem um papel importante referente às necessidades sociais e emocionais, a presença da mesma interfere de forma direta no desenvolvimento dos seus filhos. Como descrito em uma das estratégias do Plano Nacional de Educação (PNE) é de suma importância incentivar a participação dos pais ou responsáveis no acompanhamento das atividades escolares dos filhos por meio do estreitamento das relações entre as escolas e as famílias.

A família é um complexo sistema de organização, com crenças, valores e práticas ligadas diretamente às transformações da sociedade. Nesse sentido, ela tem o papel de garantir uma melhor adaptação para a sobrevivência de seus membros e da instituição como um todo (MINUCHIN 1985, 1988).

Zago (2000), em seu estudo sobre trajetórias de escolarização nos meios populares, afirma que a família, por intermédio de suas ações materiais e simbólicas, tem um papel importante na vida escolar dos filhos, e este não pode ser desconsiderado. Trata-se de uma influência que resulta de ações muitas vezes sutis, nem sempre conscientes e intencionalmente dirigidas.

Este estudo também pode possibilitar conhecimentos sobre a presença da família na escola e nos processos educativos dos jovens como um todo. Pretendemos contribuir com o debate em torno do reconhecimento das juventudes em relação às suas referências afetivas e de como estas podem favorecer o ensino e aprendizagem no interior da escola. Os espaços de participação e decisões auxiliam o desenvolvimento, das famílias e dos jovens, no que diz respeito às habilidades discursivas, de convivência, de respeito às lideranças, dentre outras capacidades (DAYRELL 2003).

Diante deste contexto, esta pesquisa buscou responder: *como os jovens percebem a participação da família nos processos de aprendizagem?* Desta forma, tem como objetivo geral: *conhecer a percepção dos jovens sobre a participação da família nos seus processos de aprendizagem.* Para tanto, foram elencados como objetivos específicos: Discutir a relação das categorias juventudes, escola, família e aprendizagem; Averiguar a relação dos jovens com a

família; Investigar a relação dos jovens com a escola; Analisar as narrativas dos jovens sobre como seus familiares tem participado do seu processo de escolarização.

Considera-se importante social e academicamente este estudo, pois tais investigações darão oportunidade aos profissionais do campo educacional de aprofundarem suas reflexões sobre a relação das juventudes, escola e família. Pode contribuir também no incentivo as famílias para que acompanhem e orientem os jovens na sua formação.

## **2 JUVENTUDES E EDUCAÇÃO**

### **2.1. O QUE ENTEDEMOS POR JUVENTUDES**

A juventude é uma categoria socialmente produzida, na qual se deve levar em conta os sentidos que construímos sobre elas, levando em consideração os tratamentos que são dados pela sociedade. A conceituação da categoria juventudes é constituída através dos critérios históricos e culturais em que buscam compreender a dimensão da diversidade presente, e que vai adquirindo várias denotações e delimitações diferentes (DAYRELL, 2003).

É preciso reconhecer que, histórica e socialmente, as juventudes têm sido consideradas como fase da vida marcada por certa instabilidade associada a determinados “problemas sociais”, mas o modo de apreensão de tais problemas também muda, pois nessas últimas décadas teve avanço na esfera da garantia aos direitos, apesar de ter muito por fazer no campo das Políticas Públicas para esse grupo.

Foi aprovada em julho de 2010 a Proposta de Emenda Constitucional (PEC) nº 65 na qual inseriu o termo jovem no capítulo dos Direitos e Garantias Fundamentais da Constituição Federal garantindo aos mesmos direitos de crianças, adolescentes, idosos, indígenas e mulheres.

Mediante esses avanços e discussões a cerca desses direitos o Congresso Nacional no dia 5 de agosto de 2013 decretou e sancionou a Lei Nº 12.852 dos Direitos e das Políticas Públicas de juventude. Segundo esta lei é considerada jovem as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade. Contudo, segundo Carrano, é imprescindível destacar que não se pode reduzir a compreensão da juventude a uma definição de ser jovem através da idade, uma definição etária ou a uma idade cronológica, pois é uma maneira de definir o universo dos sujeitos que habitariam o tempo da juventude. (CARRANO, 2003).

Corroborando com essa ideia Dayrell (2003) afirma que compreender o jovem pelo limite de idade estar simplificando uma realidade complexa, que envolve elementos relacionados aos campos simbólicos e cultural e aos condicionantes econômicos e sociais que estruturam a sociedade.

Conforme Melucci (1992) e Vianna (1997), o modo que é visto a juventude é uma mera transição, decorrente de uma compreensão da ordem social adulta como estática e rígida em posição à pretensa “instabilidade” juvenil.

Outro posicionamento que se pode destacar é a de Bourdieu (1983) “A juventude é apenas uma palavra, se vista de forma naturalizada”. Porém, ela é também uma noção social que assumiu força material inequívoca desde que foi assumida coletivamente pela sociedade. A palavra juventudes se tornou muito limitada para representar a condição juvenil, tendo em vista que existem vários modos de se vivenciar esta categoria social.

Este fato não se sustenta hoje, pois parte significativa do que denominamos condições contemporâneas da vida se inscrevem na insegurança, na turbulência e na transitoriedade, os jovens eles vivem diferentes modos, sendo assim uma categoria dinâmica. Na visão de Dayrell (2003) a juventude é vista no plural como JUVENTUDES, para enfatizar a diversidade de modos de ser jovem existente.

De acordo com Pais (1990), ao examinar um conjunto expressivo de autores que se dedicaram ao tema das Juventudes na Sociologia, realiza um esforço de sistematização, configurando, ao menos, dois grandes blocos que indicam a construção social do campo de estudos: o primeiro compreenderia os trabalhos que consideram as juventudes como um conjunto social derivado de uma determinada fase com ênfase nos aspectos geracionais; para outros, a temática estaria subsumida no interior de outras dimensões da vida social, definida a partir de universos mais amplos e diversificados, sobretudo aqueles derivados das diferentes situações de classe.

Segundo Dayrell (2003), existem diversas visões acerca de conceito de como o jovem é percebido na sociedade, dentre elas, vale ressaltar a visão de uma forma negativa em que as juventudes são vistas como um momento de crise, uma fase difícil, dominada por conflitos com a autoestima e/ou com a personalidade. Ligada a essa ideia, existe uma tendência em considerar a juventudes como um momento de distanciamento da família, apontando para uma possível crise da família como instituição socializadora.

Diante da visão do autor acima a ideia do jovem para a sociedade é construída como uma transição de passagem, visto como “um vir a ser adulto”, podendo assim observar as juventudes pelo lado negativo, como sujeito que ainda não se chegou a ser.

É importante destacar que essa visão atrapalha até mesmo a fase de construção de identidade do jovem, uma imagem estereotipada dessas juventudes, introduzindo assim um desestímulo a participação e ao protagonismo, ou seja, dificultando ao jovem poder participar



de forma ativa, sendo levado de forma séria e conseguindo dessa forma distinguir a visão de juventudes problemáticas.

## **2.2 ESCOLA E JUVENTUDES**

### **2.2.1 A CONDIÇÃO JUVENIL E A RELAÇÃO COM A ESCOLA**

Existem diversos fatores que influenciam na vida do indivíduo como, por exemplo, fatores econômicos, demográficos, temporais e emocionais. Desta forma, é menos limitante e mais representativo se a palavra vier no plural, juventudes, pois só assim é demonstrado que mesmo que exista um jovem socialmente idealizado, na realidade, a condição juvenil é vivida de diferentes formas.

O caminho do jovem imposto pela sociedade em que se tem que percorrer as etapas naturais para a condição adulta como: conclusão dos estudos, inserção no mundo do trabalho, saída da casa dos familiares, construção de um núcleo familiar, geração de filhos – estão sendo dificultados. Sendo assim o prolongamento da fase juvenil se constitui em um aspecto importante em sua caracterização (LECCARDI, 2005).

É preciso estar atento para a necessidade de observar o modo como a condição de juventudes manifesta-se de forma desigual conforme outros fatores como classe social e/ou gênero. Não se constitui, portanto, um conceito unívoco. Assim como não se devem considerar apenas os critérios biológicos de idade para definir juventudes, não se pode também levar em conta apenas os critérios sociais (MARGULIS; URRESTI, 1996).

O prolongamento da vida juvenil se configura num aspecto importante e contraditório da crise social, no qual o jovem assume responsabilidades de adulto, mas mantém sua dependência da estrutura da família em virtude das dificuldades financeiras. Abramo (2005) fala inclusive de “um novo modelo cultural de transição para a vida adulta”, em que o fim da juventude não implica necessariamente independência financeira em relação à família. Porém o jovem mesmo tendo que assumir responsabilidades, devido à situação financeira que se encontra, não pode desvincular-se dos familiares, em muitos dos casos, ainda convive no mesmo ambiente.

Abramo (2005) constata que os jovens estão chegando à vida adulta sem passar pelos estágios fundamentais estabelecidos no processo de transição (que se encontra prolongado nos dias atuais): formação escolar, profissionalização, entrada no mercado de trabalho. Ao ser forçado a pular etapas em virtude da crise social, o jovem assume responsabilidades da vida adulta, casamento e filhos, prejudicando-se na continuidade de sua formação educacional.

Quando se pensa na escola, lembramos sempre da instituição social como aparelho ideológico do Estado. Instituição formadora e influenciadora, porém, acredita-se que esta relação com a sociedade não é unilateral, pois assim como afirma Dayrell (2009, p. 2)

A escola, como espaço socio-cultural, é entendida, portanto, como um espaço social próprio, ordenado em dupla dimensão. Institucionalmente, por um conjunto de normas e regras, que buscam unificar e delimitar a ação dos seus sujeitos. Cotidianamente, por uma complexa trama de relações sociais entre os sujeitos envolvidos, que incluem alianças e conflitos, imposição de normas e estratégias individuais, ou coletivas, de transgressão e de acordos.

É necessário que a grande influência social sobre estes jovens seja reconhecida pelas instituições escolares, pois “esses jovens trazem consigo para o interior da escola os conflitos e contradições de uma estrutura social excludente, interferindo nas suas trajetórias escolares, nos sentidos atribuídos à escola e colocando novos desafios à escola [...]” (SPOSITO 2005, p. 65 *apud* DAYRELL, 2013).

Um importante fator que deve ser destacado é aquele que pode influenciar no interesse dos jovens pela escola, ou até mesmo ser causador de tensões entre estes e os educadores, é a frequente intolerância das culturas juvenis e do que Carrano (2007) chama de “referências tribais” que diferenciam grupos e caracterizam sujeitos. Este autor traz ainda a contribuição de Pais (2003) que compreende as razões pelas quais os jovens podem identificar o espaço escolar como desinteressante, uma vez que eles não se reconhecem numa instituição em que suas culturas não podem se realizar nem tampouco podem se fazer presentes.

Para a escola e principalmente no ensino médio é de suma importância buscar conhecer o estudante que a frequenta, pois esses já acumulam experiências que não devem ser negadas nos processos de aprendizagem. Esse reconhecimento contribui para entender a que condição juvenil pertence, construindo assim um aprendizado significativo levando para a construção da formação dos jovens.

Dayrell (2000) indica um dos caminhos possíveis para pensar a formação democrática para a vida que seria a participação do jovem em movimentos sociais como ONGS, associações comunitárias, introduzindo assim aos jovens uma experiência participativa, que seria formá-lo para participar ativamente nesses espaços.

As desigualdades sociais é uma realidade que o Brasil ainda enfrenta e afeta diretamente as trajetórias de vida de milhões de jovens, trazendo muitas vezes conflitos para esses jovens que estudam, passando dificuldades e contradições de uma sociedade excludente interferindo assim na sua trajetória de vida e escolar. Uma grande parcela de jovens só consegue vivenciar

a sua condição juvenil graças ao trabalho, buscando emprego para que possam ter lazer, namoro e uma boa sobrevivência (CARRANO, 2003).

Para Frigotto (2004, p. 194) “O tema do trabalho e da educação dos jovens é fecundo para elucidar a contradição inerente ao sistema capitalista, entre a igualdade formal e a necessidade da desigualdade real entre proprietários dos meios de produção e trabalhadores que vendem sua força de trabalho”. Frigotto afirma que a escola historicamente teve dois objetivos: 1) espaço de incorporação de valores, conhecimento e amadurecimento para a vida adulta; 2) espaço para a disciplina do trabalho precoce e precário (2004).

Os jovens das classes dominantes participam do primeiro tipo de escola, enquanto que para os jovens das classes populares fica a educação para o trabalho. Esta última perspectiva está sendo reforçada atualmente com a proposta de reforma do ensino médio<sup>1</sup>. Entretanto, é importante ressaltar que para ambas as classes as juventudes é uma fase da vida em que se busca, entre outras coisas, a autonomia. Corresponde a fase de construção da identidade em que a escola é um espaço formativo: um espaço de interação e ampliação das experiências vividas na família – espaço de construção da identidade.

## **2.3 FAMÍLIA E APRENDIZAGEM**

### **2.3.1 A IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO FAMILIAR NOS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM**

A família, presente em todas as sociedades, é um dos primeiros ambientes de socialização do indivíduo, atuando como mediadora principal dos padrões, modelos e influências culturais (AMAZONAS; DAMASCENO; TERTO; SILVA, 2003). Nesse sentido, a família interfere por intermédio de suas ações nas interações sociais e nos processos de aprendizagem dos seus filhos. É importante frisar que todo processo de socialização que ocorre no meio familiar é permeado por códigos culturais presentes na sociedade.

O próprio conceito de família e a configuração dela vêm evoluindo bastante e retrata as relações que se constroem na sociedade atual. Não existe uma configuração familiar ideal, porque são inúmeras as combinações e formas de interação entre os indivíduos que constituem os diferentes tipos de famílias contemporâneas (STRATTON, 2003): nuclear tradicional, recasadas, monoparentais, homossexuais, dentre outras combinações.

---

<sup>1</sup> Disponíveis em: [http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=40361#nem\\_01](http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=40361#nem_01)

Os padrões familiares vão se transformando e reabsorvendo as mudanças psicológicas, sociais, políticas, econômicas e culturais, o que requer adaptações e acomodações às realidades enfrentadas (WAGNER; HALPERN; BORNHOLDT, 1999). Os arranjos familiares distintos que vão surgindo, por sua vez, provocam transformações nas relações familiares, nos papéis desempenhados pelos seus membros, nos valores, nas funções intergeracionais, nas expectativas e nos processos de desenvolvimento do indivíduo.

O núcleo familiar é um grande alicerce da aprendizagem humana, formado por práticas próprias, as quais interferem nos modelos das relações interpessoais, também na personalidade de cada sujeito (DESSEN; POLONIA, 2007).

Para o ser humano aprender, põe em jogo seu organismo, herdado, seu corpo, construído a partir da relação com o outro; sua inteligência e seu desejo de ordem inconsciente. Entretanto, esta aprendizagem não é um ato isolado, ela ocorre a partir de um processo vinculado que envolve, pelo menos dois personagens, o ensinante e o aprendente, e cuja matriz são os primeiros vínculos entre o núcleo familiar (FERNÁNDEZ, 1991).

Para compreender os processos de desenvolvimento e seus impactos na pessoa, é preciso focalizar tanto o contexto familiar quanto o escolar e suas inter-relações (DESSEN; POLONIA, 2007).

A família e a escola têm um papel muito importante no desenvolvimento mental, psicomotor, social e afetivo do ser humano. Ela pode contribuir estimulando e facilitando espaços que promovam e reforcem à sua criatividade. Esses estímulos devem auxiliar na formação de jovens e adultos mais ativos e participativos socialmente. Por exemplo, o apoio parental, em nível cognitivo, emocional e social, permite à criança desenvolver repertórios considerados “saúdáveis” para enfrentar as situações cotidianas (EISENBERG, 1999).

O sistema escolar também contribui nessa formação das relações sociais, pois se trata de um ambiente multicultural que abrange também a construção de laços afetivos e preparo para inserção na sociedade (OLIVEIRA, 2000).

Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990) é dever da família mediar o processo de escolarização e é importante a presença dos pais ou responsáveis no contexto escolar. Podendo destacar que um dos maiores motivos que interferem na família não é questão socioeconômica, mas a falta de diálogo com os filhos, a falta de investimento dos familiares para fornecer apoio emocional como também apoio para ajudar na realização de atividades.

A discussão sobre como envolver a família nos processos de aprendizagem na escola não é recente, promover a corresponsabilidade exige desafios. Com isso Carneiro (2003) destaca que é imprescindível criar estratégias para superar as dificuldades presentes no processo

ensino-aprendizagem de maneira a incluir a família. As escolas deveriam inserir essa discussão no projeto pedagógico, como forma de assegurar a sua compreensão e efetivar a participação dos familiares que é ainda um ponto crítico na esfera educacional.

É necessário travarmos uma discussão mais aprofundada sobre a presença ou não dos responsáveis na escola. Ou seja, a ausência da família muitas vezes é considerada apenas como falta de interesse dos mesmos ou por negligência. Contudo, deve-se levar em consideração que muitas vezes as famílias dos jovens não tiveram oportunidade de frequentar a escola ou são pais trabalhadores e que não conseguem acompanhar as atividades escolares dos seus filhos como gostariam. As maiores barreiras ao desenvolvimento da colaboração entre estas duas importantes instituições que são a família e a escola são geralmente resultados de estereótipos, percepções distorcidas e falta de entendimento mútuo entre a família e os educadores. No entanto, estes não são os únicos bloqueios (CAVALCANTE, 1998).

De acordo com Pugach e Johnson (1995), uma das barreiras que podem ser evidenciadas é à colaboração identificada por professores relacionada a limitações de tempo para que possam se comunicar com os familiares dos alunos. Além da falta de tempo, a comunicação com os familiares geralmente não é vista entre os professores como uma prioridade na sua tarefa de ensinar. A colaboração com famílias requer treinamento por parte daqueles que a implementam. Infelizmente, esta área tem sido deixada de lado pelos cursos de preparação de professores, criando insegurança entre estes profissionais para lidarem com problemas que envolvam as famílias dos seus estudantes.

Os aspectos emocionais interferem diretamente nos processos de aprendizagem do indivíduo e deve ser levados em conta, pois tais aspectos estão ligados diretamente ao desenvolvimento afetivo e sua relação com a construção do conhecimento e a expressão deste através da produção escolar. O não aprender pode, por exemplo, expressar uma dificuldade na relação do jovem com sua família; será o sintoma de que algo vai mal nessa dinâmica (WEISS, 2004).

### **3 MÉTODO**

#### **3.1 DELINEAMENTO**

O presente estudo caracterizou-se como uma pesquisa exploratória de natureza

qualitativa, compreendendo um estudo de caso que tem como intuito conhecer a percepção dos jovens sobre a participação da família nos seus processos de aprendizagem.

### 3.2 PARTICIPANTES

Participaram desse estudo oito adolescentes de ambos os sexos, com faixa etária entre 15 e 18 anos, regularmente matriculados no 1º ano do ensino médio de uma escola pública do Município de João Pessoa. Para a participação da pesquisa os estudantes precisavam estar matriculados no Ensino Médio.

A escolha dos participantes adveio de uma reunião da pesquisadora com os professores os quais indicaram os nomes dos participantes. Foram excluídos os alunos com idade inferior a 15 anos ou acima de 20 anos, como também, alunos que estudam no ensino fundamental.

### 3.3 INSTRUMENTOS

Para a realização desta pesquisa foi aplicado um questionário semiestruturado (Apêndice A) que contém 23 perguntas fechadas e abertas, sendo 7 (sete) para obter dados sociodemográficos e 16 para o questionário psicopedagógico, dividido em duas partes:

A primeira refere-se aos dados sociodemográficos para analisar a idade, o sexo e as condições socioeconômicas da família. A segunda do questionário refere-se aos dados psicopedagógicos que versam sobre a percepção dos alunos em relação ao acompanhamento da família e a participação da mesma nos processos de aprendizagem deles.

### 3.4 PROCEDIMENTO

A pesquisadora entrou em contato com a escola e apresentou a Carta de Anuência (Apêndice B), a fim de solicitar as devidas autorizações da mesma para a coleta de dados. Tendo sido recebida pela diretora da escola que disponibilizou uma sala para aplicar o questionário com os participantes. A escolha dos participantes adveio dos professores, esses alegaram que deviam participar deste estudo aqueles jovens cujo os familiares eram ausentes ou apresentavam dificuldade de diálogo com os docentes.

Foi encaminhado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice C) para a assinatura dos pais e/ou responsáveis de todos os participantes. Como também será entregue aos adolescentes um Termo de Assentimento (Apêndice D).

O questionário foi aplicado individualmente, com uma média de duração de 20 minutos, aplicado no dia 19 de setembro pela manhã. Antes de iniciar a pesquisadora explicou aos alunos

sobre o objetivo da pesquisa e no ato foi explicado sobre o sigilo e a confidencialidade dos dados conforme o Comitê de Ética 510/2016.

### 3.5 ANÁLISE DOS DADOS

A pesquisa tem cunho qualitativo, tendo em vista que este método busca levar em consideração às subjetividades dos sujeitos. Para a análise e interpretação das informações fornecidas pelos participantes foi utilizado o método de análise de conteúdo sob a luz das concepções de Bardin (1997).

A partir do que foi relatado no questionário e do embasamento teórico, foi realizada a categorização não apriorística dos dados, tecendo assim as interpretações que geraram os resultados e as discussões deste estudo.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A problemática do presente estudo consistiu em investigar como os jovens percebem a participação da família nos processos de aprendizagem. Para responder esse questionamento buscamos conhecer a percepção dos jovens sobre a participação da família nos seus processos de aprendizagem, discutir a relação das categorias juventudes, escola, família e aprendizagem, e analisar as narrativas dos jovens sobre como seus familiares tem participado do seu processo de escolarização.

Para tanto, recorreremos ao estudo da literatura pertinente e fomos a campo coletar os dados. Estes dados obtidos foram divididos em três categorias para mostrar os resultados e discussão que correspondem 1) Perfil Sociodemográfico; 2) Relação dos Jovens com a Família; 3) Relação do Jovens e a escola.

### 4.1 PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO

Através da aplicação do questionário foi traçado o perfil sociodemográfico dos participantes em que se obtiveram dados em relação à idade, sexo, estado civil, com quem moram os jovens, condições socioeconômicas e escolaridade dos familiares. Foram selecionados 8 (oito) participantes, sendo 4 (quatro) do sexo masculino e 4 (quatro) do sexo feminino. Para o sigilo dos participantes e a compreensão do quadro, foram adotados pseudônimos para os entrevistados. Como podem ser bem visualizadas suas características na tabela 1:

Tabela 1. Perfil Sociodemográfico

	Nome	Idade	Sexo	Estado Civil	Reside	Renda Familiar	Grau de escolaridade dos familiares
1	Pedro	15	Masculino	Solteiro	Pais e irmãos	Até um salário mínimo	Ensino Fundamental Incompleto
2	Douglas	16	Masculino	Solteiro	Tia materna	De um a dois salários mínimos	Ensino Médio Incompleto
3	Priscylla	16	Feminino	Solteira	Pais e irmãos	De um a dois salários mínimos	Ensino Superior Completo
4	Lucas	17	Masculino	Solteiro	Mãe, Padrasto, irmã e avó materna	De três salários mínimos a diante	Ensino Superior Incompleto
5	Jãoao	17	Masculino	Solteiro	Pais e irmãos	De um a dois salários mínimos	Ensino Fundamental Incompleto
6	Fernanda	17	Feminino	Solteira	Avó	De três salários mínimos a diante	Ensino Superior Completo
7	Laura	18	Feminino	Solteira	Tia, avó e prima	Até um salario mínimo	Ensino Médio Incompleto
8	Mariah	18	Feminina	Solteira	Pais e irmãos	Até um salario mínimo	Ensino Fundamental Incompleto

Fonte: A autora

Observando-se a variável idade entre os participantes, a faixa etária dos discentes variou entre 15 e 18 anos, tendo como média estudantes de 17 anos. A distribuição por sexo se deu de forma equilibrada quatro participantes femininos e quatro masculinos.

Nota-se que todos os participantes tem o estado civil solteiro e que residem com os



familiares, podendo prestar atenção que o seu núcleo familiar não se reduz apenas aos pais. Existem quatro que moram com a família tradicional (pai, mãe e irmãos). Os demais se dividem em família: recasada (mãe, padrasto e irmão) anaparental (reside com a avó) e família extensa (tia, avó e prima).

Todos os jovens entrevistados afirmaram morar com seus familiares e disseram que são dependentes deles financeiramente. No que diz respeito às condições socioeconômicas 2 (dois) participantes afirmam ter renda familiar de até um salário mínimo, 3 (três) participantes com renda familiar de dois a três salários mínimos e 2 (dois) participantes com renda familiar de três salários mínimos em diante.

Em relação à escolarização dos participantes não foi preciso obter no perfil, pois como foi descrito no método os participantes são todos do 1º ano do Ensino Médio. A cerca da escolarização dos familiares foram apresentadas 4 (quatro) participantes com família que tem ensino fundamental incompleto, 2 (dois) participantes com ensino médio incompleto 1 (um) com ensino superior completo e 1 (um) com ensino superior completo.

Para esquematizar os resultados obtidos através dos questionários semiestruturados foram definidos os seguintes eixos temáticos: Relação dos Jovens com a Família; Relação dos Jovens com a escola.

#### 4.2 RELAÇÃO DOS JOVENS COM A FAMÍLIA

É imprescindível destacar que a relação familiar é importante no processo de aprendizagem dos filhos como discutido anteriormente por alguns teóricos, desta forma também é importante saber a opinião dos próprios jovens sobre essa participação. Podendo assim responder sobre como é a relação da família, a presença dos familiares em reuniões escolares, o incentivo para os mesmos estudarem, e se auxiliam nas atividades em casa.

Uma grande parte dos jovens respondeu ter uma boa relação com seus familiares. Como podemos observar nas falas a seguir, encontramos depoimentos que mostram como obter um bom relacionamento junto à família é importante para os jovens. Como por exemplo, na fala de Priscylla: *“É boa, porque conversamos muito sobre o dia, qualquer dificuldade eles vem ajudar ou tentar, sempre dão amor e carinho”*.

Entretanto é notório que alguns se contradizem quando se referem a relação com os familiares. Pois, ora afirmam que há uma boa convivência, ora apontam dificuldades de comunicação e falta de tempo para interagir, assim como nos mostram as falas a seguir:

*“É boa, poderia melhorar, mas é boa, por causa que lá em casa a disputa quem fala mais alto e se estressa mais (Douglas)”*.

*“É boa, porque todos lá de casa vivem ocupados então não tem ninguém no meu pé e so vejo eles a noite( Fernanda)”.*

A resposta de Douglas ilustra que os familiares tem dificuldade em dialogar, apesar de afirmar como boa a relação entre eles. Já na fala de Fernanda, encontramos indícios de que prefere não ter muito envolvimento com a família quando diz que gosta do fato de todos em “casa viverem ocupados”. Talvez seja uma forma de anunciar não querer muito o envolvimento da família na sua vida pessoal, bem como na vida escolar. Esta ideia também aparece no discurso de Douglas: *“Minha avó ajuda no financeiro, já esta de bom tamanho”*.

Desta forma, como já foi citado anteriormente, são falas que concordam com o que Abramo discute sobre o prolongamento da vida juvenil. Segundo a autora, o jovem assume responsabilidades de adulto, mas mantém sua dependência da estrutura da família em virtude das dificuldades financeira (ABRAMO, 2005).

Tendo como base a discussão sobre a presença da família na escola, a maioria dos participantes afirmou que sim, os familiares são participativos na vida escolar dos filhos, estão presentes em reuniões escolares e procuram saber como está o comportamento do filho na escola. Como por exemplo, na fala de Priscylla e Douglas respectivamente:

*“Sim, eles são presentes porque eles tem que saber como estou indo na escola”.*

*“Sim, sempre procuram saber por mim como tou na escola”.*

Somada a esta visão foi possível observar que a maioria dos participantes afirmou que os familiares são presentes e ainda aparentam acreditar que os familiares tem certa obrigação de participar dos seus estudos. Como pode destacar novamente na resposta de Douglas sobre o que seus familiares acham dele ir à escola: *“Um dever, obrigação. Para me dá bem no futuro”*.

Conforme Oliveira (2002), a função da família tem compromisso com a educação moral, ou seja, a transmissão de costumes e valores de determinada época torna-se, nesta perspectiva, seu principal objetivo. Podendo assim destacar que essa visão de que os jovens vêm historicamente de que os pais tem dever de introduzir nos seus filhos a obrigação deles em estudar para obter um “futuro melhor”.

Alguns responderam que os familiares não são presente na escola, afirmando a indisponibilidade dos familiares em comparecer a mesma, pelo fato em que nos horários da escola os mesmo estão trabalhando. Como pode se perceber na fala de Lucas: *“Não, por falta de tempo. Eles só tem tempo no domingo”*.

Lopes (2002) afirma que “a família não tem condições de educar sem a colaboração da escola e acrescento a escola não tem condições de educar sozinha sem a participação e compromisso dos pais”. Dessa forma sem a colaboração dos familiares a escola fazer o papel sozinho é complicado e com isso os jovens também percebem essa falta, embora tendo motivos justificáveis.

Apoiando a essa visão Carneiro (2003) destaca que é imprescindível criar estratégias para superar as dificuldades presentes no processo ensino-aprendizagem, de maneira a incluir a família. As escolas deveriam inserir essa discussão no projeto pedagógico, como forma de assegurar a sua compreensão e efetivar a participação dos pais.

Também foi possível observar sobre a escolaridade da família que interfere no auxílio das atividades que devem ser feitas em casa. Nas respostas vimos que há pais apenas com ensino fundamental incompleto e devem possuir certa dificuldade em auxiliar seus filhos nessas tarefas. Segundo a fala de Mariah “*Meus pais não me ajuda em atividades pois não sabem muito, não tem paciência de me ajudar*”.

Um dos maiores motivos que interferem na família não é questão socioeconômica, mas a falta de diálogo com os filhos, a falta de investimento dos familiares para fornecer apoio emocional como também apoio para ajudar na realização de atividades, como a literatura aborda independentemente da origem do problema, é dentro do contexto familiar que as dificuldades serão amenizadas ou multiplicadas (POLITY, 1998).

Por fim, uma última questão relevante para esta categoria trazida pelos sujeitos da pesquisa foi a respeito do prazer em estudar em relação com os incentivos dos familiares. Sobre esta temática Douglas afirma que: “*se nossos pais não nos incentivar, não vamos querer estudar*”. Nessa mesma direção, Pedro sugere que seu interesse pelos estudos advém dos estímulos dados pelos seus pais. “*Eles [meus pais] sempre me dizem para estudar, embora não seja tão presentes na escola e não me forçando a estudar em casa*”.

Nesse sentido, em certa medida foi possível compreender que o jovem apesar de não notar a presença dos pais na sua vida escolar, acredita que os pais estarem sempre reforçando a importância de estudar é uma forma de incentivo e participação.

#### 4.3 RELAÇÃO DOS JOVENS COM A ESCOLA

A relação dos jovens com a escola é crucial para a formação dos mesmos e para aprimorar essa relação faz-se importante à instituição escolar buscar entender o aluno.

Destacando assim que compreender os sujeitos e seus diversos universos poderá influenciar no interesse dos jovens pela escola. Os atores que compõem a instituição escolar quando se aproximam das culturas dos estudantes, tornam-se capazes de serem conciliadores de tensões entre estes e os seus processos formativos. Ou seja, esses educadores também podem diminuir os conflitos de interesses que permeiam a relação educador e aprendente.

Foi perguntado aos alunos se os mesmos gostavam de estudar. Sobre este assunto, uma pequena parte respondeu que sim como pode ser observado pela fala de Pedro: *“Sim, pois tem muitas coisas legais na escola, além de fazer novos amigos”*. Nesta fala percebe-se como a escola pode ser considerada importante espaço de interação e sociabilidade entre os estudantes.

O sistema escolar tem que estar sempre buscando ser um ambiente prazeroso, tendo mais atenção e organização dos currículos com base em uma aprendizagem significativa, além de também contribuir nessa formação das relações sociais. Como afirma Oliveira (2000) à escola é um ambiente multicultural que abrange também a construção de laços afetivos e preparo para inserção na sociedade.

Um aspecto observado que teve expressividade foi em relação a necessidade do estudar para a vida profissional, na maioria dos casos que responderam sim, essa necessidade pareceu ser a de maior importância para os sujeitos da pesquisa. O que nos remete a discussão de Dayrell (2013) sobre as juventudes pobres, que desde muito cedo convivem com a necessidade financeira e que adaptam suas vidas e seus planos para tentar vencê-la.

Portanto, se os maiores sonhos desses jovens é ter um emprego, como muitos afirmaram, a escola pode ser um dos caminhos que os levará até ele. Assim como podemos ver nas falas de Priscyla e Lara: *“Sim, pois é necessário porque é uma base para o futuro (Priscyla)”*. *“Sim, pois sei que mais na frente serei recompensada por tudo e que se não estudar não terei nenhuma profissão na vida (Lara)”*. Desta forma, é primordial que a instituição escolar esteja apta a atender à esta demanda advinda das juventudes, além de trazer outras possibilidades de utilização dos conhecimentos que estes adquirirem lá para que haja uma ressignificação da visão de escola que estes jovens aparentaram ter. Ou seja, a escola não pode estar longe do mundo da vida dos jovens, deve sempre fazer algum sentido para os estudantes.

Em contra ponto, a grande maioria dos participantes respondeu não gostar de estudar e os motivos para justificar foram os mais variados. Esses motivos podem ser observados nas falas de João, Fernanda e Douglas respectivamente:

*“Não, mais ou menos porque é muito chato.”*

*“Não, mais ou menos. Porque não sou muito chegado a algumas*

*matérias são muito chatas”.*

*“Não, mais ou menos. Porque eu gosto muito de sair e não tenho tempo para os estudos”.*

Nestas respostas foi possível perceber o desinteresse pela escola e por estudar, o que se relaciona com frequente discurso sobre a discrepância entre as culturas juvenis e a cultura da escola. Segundo Carrano (2007) as “referências tribais” diferenciam grupos e caracterizam sujeitos. Esses alunos não se percebem nessa escola, não se identificam e não acreditam que seja um ambiente relevante para os mesmos. Trazendo ainda a contribuição de Pais (2003) que compreende as razões pelas quais os jovens podem identificar o espaço escolar como desinteressante, uma vez que eles não se reconhecem numa instituição em que suas culturas não podem se realizar nem tampouco podem se fazer presentes.

Neste aspecto a escola poderia buscar investigar os motivos por esse desinteresse, em que poderia encontrar soluções ou formas de tornar os alunos um ser mais participativo. Como afirma Dayrell (2000) indicando que um dos caminhos possíveis para pensar a formação democrática para a vida, seria a participação do jovem em outros espaços formativos, como por exemplo, os movimentos sociais. O autor acredita que esses espaços não escolares podem contribuir para uma formação mais ativa na sociedade.

Dando continuidade as reflexões acerca da relação conflituosa dos jovens com a escola, encontramos nas narrativas dos pesquisados, alusões às experiências de reprovações. Por isso, julgamos ser um aspecto que deve ser bem observado e discutido. Foi perguntado se o participante já teve reprovações, quantas e quais os motivos, obtendo como respostas que todos já haviam reprovado, tendo uma grande parte que reprovou mais de uma vez. Sobre esta experiência, Douglas afirma: *“Tive duas reprovações, porque eu não me interessava em estudar não sabia o que queria”*. Seguindo a mesma direção, João registrou: *“Tive duas reprovações. Porque eu brincava muito na escola e ia querer ir na onda dos outros”*.

Deste modo essas reprovações podem não ser entendidas como uma condição em que o jovem se encontra, em que muitos desses casos sentem um distanciamento da escola e suas realidades. Parece haver uma diferença entre o que a escola deseja receber e o que realmente chega nela. Como afirma Carrano (2007) *“A escola espera alunos e o que chega são sujeitos com múltiplas trajetórias e experiências de vivência do mundo”*. Vale ressaltar a visão de que a sociedade entende como uma forma negativa em que as juventudes é vista como um momento de crise, uma fase difícil, dominada por conflitos com a auto-estima e/ou com a personalidade.

Esses jovens se afastam da visão do jovem idealizado pela sociedade, daquele que

deveria estar se preparando para um futuro no qual ele viria a ser “alguém”. Prolongar os estudos e poder dedicar-se exclusivamente a eles é um privilégio de jovens oriundos das camadas sociais mais favorecidas e muitas vezes não é a realidade dos que frequentam a escola pública brasileira.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este estudo proporcionou contribuições relevantes para a formação da pesquisadora, determinando assim grande aprendizagem, elucidando questionamentos acerca das juventudes, as famílias e suas relações com a escola. A experiência deste trabalho de conclusão de curso provocou várias indagações que estimulam a desenvolver pesquisas futuras.

É importante compreender as famílias e as escolas como ambientes de desenvolvimento e aprendizagem humana que podem funcionar como propulsores ou inibidores dele. Estudar as relações em cada contexto e entre eles constitui fonte importante de informação, para que assim possamos entender como os jovens são compreendidos.

A pesquisa alcançou os objetivos propostos conhecendo a visão dos jovens sobre a participação das famílias nos processos de aprendizagem dos mesmos, além de contribuir academicamente para a temática: juventudes, famílias e aprendizagem.

Os dados obtidos nesta pesquisa permitiram ter um maior olhar para as dificuldades e os desafios que encontramos nas relações entre as famílias e as escolas, com isso poder encontrar extratégias para que esses desafios não interfiram nos processos de aprendizagem dos jovens em formação, constituindo alguns aspectos que podem auxiliar na prática profissional do psicopedagogo. Assim, construirmos um olhar menos preconceituoso e estigmatizante sobre as juventudes, podendo ajudar na prática psicopedagógica, no que diz respeito às propostas de intervenção junto aos jovens.

## **ABSTRACT**

The general objective of this study was to know the perception of the young people about the participation of the family in their learning processes. To do so, they were listed as specific objectives: To discuss the relationship of youth, school, family and learning categories; Investigate the relationship between the young people and the family and the school; Analyze the narratives of young people about how their families have participated in their schooling process. The participation of the family is fundamental in the educational process of their children, thus contributing, in a significant way in the process of formation and learning. Eight adolescents of both sexes, aged between 15 and 18 years, living in the city of João Pessoa, regularly enrolled in the first year of the High School of Public School of the Municipality of

João Pessoa, participated in this study. For this research, a semi-structured questionnaire was applied, containing 23 closed and open questions, 7 for sociodemographic data and 16 for the psychopedagogical questionnaire. The research findings show that the majority of young people value the presence of the familiar processes of learning them, as well as in the training as a subject, and can thus contribute in all aspects of development. As regards the relation of the young people and the school, the statements point to the institution as an uninteresting environment. In this respect the school could seek to investigate the reasons for this lack of interest, in which it could find solutions or ways to make the students a more participatory being. The research reached the objectives proposed here, knowing the vision of the young people about the participation of the family in the learning process of the same, besides contributing academically to the theme in question, as well as contributing to the universe of the research a better understanding about the family and school.

**Keywords:** Youth. Family. Learning Processes.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, H W.,BRANCO P. P. M. (org.) Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: **Fundação Perseu Abramo**, 2005.

AMAZONAS, M. C. L. A., DAMASCENO, P. R., TERTO, L.M. S., e SILVA, R. R. Arranjos familiaresde crianças de camadas populares. **Psicologiaem Estudo**, 8(especial), 11-20, 2003.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70; 1977

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e da outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 14 jul. 1990. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm)>. Acesso em: 26 setembro 2017.

BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 DE Junho de 2014. Dispõe sobre o Plano Nacional de Educação e as outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 26 junho. 2014. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm)>. Acesso em: 26 setembro 2017.

BRASIL. Lei nº 12.852. Dispõe sobre os Direitos e das Políticas Públicas de juventude. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 06 agosto de 2013. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm)>. Acesso em: 26 setembro 2017.

CARNEIRO, M. A. (2003). *LDB fácil: Leitura crítico-compreensiva* artigo a artigo (9a ed.). Petrópolis: **Vozes**, 2003 (Original publicado em 1998).

CAVALCANTE, R. S. C. **Colaboração entre pais e escola: educação abrangente**. Psicol. Esc. Educ. (Impr.), vol.2, no. 2, p.153-160, 1998.

CARRANO, P. Educação de Jovens e Adultos e Juventude: o desafio de compreender os sentidos da presença dos jovens na escola da "segunda chance". [S.L.] **Revista de Educação de Jovens e Adultos**, 2007.

DAYRELL, J. A.O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, n. 24, set./out./nov./dez. 2003.

DAYRELL, J. A Juventude e Suas Escolhas: as relações entre projeto de vida e escola, In: VIEIRA, M. M. *et al.* (Orgs.). **Habitar a Escola e as Suas Margens: geografias plurais em confronto**. Porto Alegre, RS, cap. 2, p. 65-72. 2013.

DESSEN, M. A., POLONIA, A. C. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia**, v. 17, n. 36, p. 21-32, 2007.

EISENBERG, N., FABES, F. A., SHEPARD, S. A., GUTHRIE, I. K., MURPHY, B. C., REISER, M. Parental reactions to children's negative emotions: Longitudinal relations to quality of children's social functioning. **Child Development**, 70(21), 513-534, 1999.

FERNÁNDEZ, A. A inteligência aprisionada: aborda em psicopedagógica clínica da criança e sua família. 2ª ed. Porto Alegre: **Artes Médicas**. 1991.

FRIGOTTO, G. Juventude, trabalho e educação no Brasil: perplexidades, desafios e perspectivas. In NOVAES, Regina R. (org) *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: **Fundação Perseu Abramo**, 2004.

LECCARDI, C. Por um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. In *Tempo Social*, vol 17, nº 2. São Paulo: **USP**, nov., pp. 35-57, 2005.

MARGULIS, Mario & URRESTI, Marcelo. "La juventudes más que una palabra". In: Margulis, M. (org.). *La juventudes más que una palabra*. Buenos Aires, **Biblos**, 1996.



MINUCHIN, P. Relationships within the family: systems perspectives on development. In: HINDE, R.; STEVENSON-HINDE, J. (Orgs.). **Relationships within families: mutual influences**. Oxford, UK: Clarendon Press/University Press, p.8-25, 1988.

OLIVEIRA, M. L.S., & Bastos, A. C. S. Práticas de atenção à saúde no contexto familiar: Um estudo comparativo de casos. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 13(1), 97-107, 2000.

PAIS, J. M. **A construção sociológica da juventude—alguns contributos**. Análise social, p. 139-165, 1990.

PATTO, M.H.S. A família pobre e a escola pública: anotações sobre um desencontro. Introdução à Psicologia Escolar. 3ª ed. São Paulo: **Casa do Psicólogo**. p. 281-296, 1997.

POLITY, E. Distúrbios da Aprendizagem à luz das Relações Familiares. In: Simpósio Paranaense sobre Distúrbios da Aprendizagem. 3. Minicurso n.12, Professora Elizabeth Polity. Curitiba, 1998.

PUGACH, M. C; JOHNSON, L. J. **Collaborative Practitioners**. Collaborative Schools. Denver: Love, 1995.

STRATTON, P. Contemporary families as contexts for development. In J. Valsiner & K. Connolly (Orgs.), **Handbook of developmental psychology** (pp. 333-357). London: Sage, 2003.

WAGNER, A., HALPERN, S.C.; BORNHOLDT, E.A. (1999). Configuração e estrutura familiar: Um estudo comparativo entre famílias originais e reconstituídas. **PSICO**, 30, 63-74, 1999.

WEISS, M.L. Psicopedagogia Clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem. 10ª ed. Rio de Janeiro: **editora DP&A**, 2004.

ZAGO, N. Processos de escolarização nos meios populares: as contradições da obrigatoriedade escolar. In: NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G. (Orgs.). **Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. Petrópolis: Vozes. p. 17-43, 2000.

## APÊNDICE A

### DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

**Idade:** \_\_\_\_\_

**Gênero:**

( ) Masculino

( ) Feminino

**Estado civil:**

- ☐ Solteiro(a)  
☐ Casado(a)  
☐ Divorciado(a)  
☐ Viúvo(a)

Tem filhos? ☐ Não ☐ Sim . Quantos? \_\_\_\_\_

**Reside:**

- ☐ sozinho  
☐ com companheiro(a)  
☐ com familiares

**Renda familiar:**

- ☐ até 1 salário mínimo  
☐ De 1 a 2 salários mínimos  
☐ De 3 salários mínimos a diante.

**Nível de escolaridade:** \_\_\_\_\_

**Qual o grau de escolaridade de seus pais:**

- Ensino Fundamental completo ( )  
Ensino Fundamental incompleto ( )  
Ensino Médio completo ( )  
Ensino Médio incompleto ( )  
Ensino Superior completo ( )  
Ensino Superior incompleto ( )

**Como é a relação sua com sua família ?**Classifique e se possível comente.

- Ótima ( )  
Boa ( )  
Ruim ( )  
Péssima ( )

**O que seus familiares acham de você vir a escola?**

**Seus pais incentivam você estudar ?**( ) Sim ( ) Não . Justifique sua resposta.

**Você acha que seus pais são presentes na escola?**

**Seus pais participam das reuniões escolares com frequência ?**( ) Sim ( ) Não. Justifique sua resposta.

**Na sua infância seus pais participaram de reuniões escolares?**

**Seus pais coloca você para estudar em casa?**

**Você acha que o seu gosto por estudar pode ser pelo incentivo dos pais?**

**Como é sua relação com a escola?**

**Você gosta da escola? Por quê?**

**Já teve reprovação?** ( ) Não ( ) Sim . Quantas?

**Já desistiu de estudar?**( ) Não ( ) Sim . Quantas e quais os motivos?

**Você gosta de estudar** ( ) Sim ( ) Não. Justifique sua resposta.

**APÊNDECE B**

UNIVERSIDADE FEDERALDA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO DA PARAIBA  
DEPARTAMENTO DE PSICOPEDAGOGIA

**CARTA DE ANUÊNCIA**

Prezado (a) Diretor (a),

Estamos realizando uma pesquisa nesta instituição com a finalidade deste contribuir para o contexto científico acerca do conhecimento sobre juventudes e a participação da famíliana aprendizagem, bem como para o contexto social, aspirando que os resultados encontrados com este estudo possibilitem melhorias na educação. O objetivo do estudo que tem como finalidade conhecer a percepção dos jovens sobre a participação da família nos seus processos de aprendizagem

Neste sentido, para efetivação deste estudo, gostaríamos de contar com a colaboração da vossa instituição, disponibilizando o acesso a alguns jovens (dos 15 aos 20 anos de idade). Para tanto, de acordo com o disposto na resolução vigente 466/2012 do CNS/MS, faz-se necessário o vosso consentimento. Os dados coletados nesta pesquisa serão considerados em conjunto, garantindo seu caráter anônimo e sigiloso. Por fim, nos colocamos a inteira disposição de V.S<sup>a</sup>. para, ao final do estudo, apresentar um relatório com os resultados encontrados.

**Termo de Consentimento**

Assinando este termo, estou consentindo a participação no projeto de pesquisa **A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NOS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM: O QUE PENSAM OS JOVENS?** vinculado a Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Profa. Dra. Mariana Lins de Oliveira, executado pelas aluna pesquisadora Patrícia Rodrigues dos Santos

\_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

---

Carimbo e assinatura do Coordenador/Diretor da Instituição.

CEP/CCS Endereço: Centro de Ciências da Saúde, UFP. Campus I –  
Cidade Universitária – Bairro Castelo Branco – CEP 58059-900 – João  
Pessoa PB – Faz 083 32167522. CNPJ: 24098477/007-05 – Telefone:  
083 32167964 – email: comitedeetica@hulw.ufpb.br

## APÊNDECE C



UNIVERSIDADE FEDERALDA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO DA PARAIBA  
DEPARTAMENTO DE PSICOPEDAGOGIA



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Senhor(a)

Esta pesquisa tem a finalidade de proporcionar a expansão do conhecimento sobre Juventude , escola, família e aprendizagem está sendo desenvolvida pela pesquisadora PATRÍCIA RODRIGUES DOS SANTOS, discente do Curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dra.Mariana Lins de Oliveira.

O objetivo do estudo e conhecer a percepção dos jovens sobre a participação da família nos seus processos de aprendizagem O jovem participante desta pesquisa contribuirá para a formação acadêmica da pesquisadora e os resultados obtidos contribuirão com a família de maneira que possa propiciar conhecimentos e orientação aos jovens sobre essa importância da participação da família no seu processo de aprendizagem.

Solicitamos a sua colaboração no sentido de autorizar a aplicação de um questionário estruturado que visam investigar a percepção dos alunos sobre a participação da família na aprendizagem entre os alunos que tem um maior acompanhamento da família,

Solicitamos também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de saúde, educação e revistas científicas. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome do seu filho/sua filha será mantido em sigilo. Este estudo não possui riscos à saúde.

Esclarecemos que sua autorização/participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações, autorizar e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não autorizar a participação de seu filho no estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano. A atividade será realizada em um ambiente a parte da sala de aula dentro da própria escola.

O (a) pesquisador (a) estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para participação do meu (minha) filho (a) menor \_\_\_\_\_ na pesquisa e para publicação dos

resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

---

Assinatura do Responsável Legal

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o (a) pesquisador (a).

Atenciosamente,

---

Assinatura do Pesquisador Participante

Universidade Federal da Paraíba  
Centro de Educação  
Cidade Universitária - João Pessoa - PB -Brasil - CEP - 58059-900  
CEP/CCS - Endereço:  
Centro de Ciências da Saúde, UFPB, Campus I - Cidade Universitária - Bairro Castelo Branco -CEP:  
58059-900 - João Pessoa-PB - FAX (083) 32167522 CNPJ: 24098477/007-05 - Telefone:(083) 3216-7964 -:  
Contato com o Pesquisador (a) Responsável: Patrícia Rodrigues dos Santos  
Tel: (83) 9960789-8933 – patricia-rodriguespsico13@outlook.com

## APÊNDECE D



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE PSICOPEDAGOGIA



### TERMO DE ASSENTIMENTO DO MENOR

Você está sendo convidado para participar da pesquisa intitulado **A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NOS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM: O QUE PENSAM OS JOVENS?** Seus pais permitiram que você participe. Com essa pesquisa. Visa investigar como a participação familiar influencia na vida escolar dos adolescentes. Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu. Não terá nenhum problema se desistir. A pesquisa será feita na sua escola, em um local fora da sua sala de aula, onde um instrumento será aplicado para darmos início a este estudo. Para isso, serão usados instrumentos que visam conhecer a percepção dos jovens sobre a participação da família nos seus processos de aprendizagem. Caso aconteça algo errado, você pode me procurar pelo telefone (83) 9 9607-8933 da pesquisadora PATRÍCIA RODRIGUES DOS SANTOS. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa serão publicados, mas sem identificar as crianças que participaram da pesquisa. Se você tiver alguma dúvida, você pode entrar em contato comigo.

Eu \_\_\_\_\_ aceito participar da pesquisa, **A PERCEPÇÃO DOS JOVENS SOBRE A INFLUÊNCIA FAMILIAR NA APRENDIZAGEM** que tem objetivo investigar como a participação familiar influencia na vida escolar dos adolescentes. Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir que ninguém vai ficar com raiva. A pesquisadora tirou minhas dúvidas e conversou com os meus responsáveis. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

João Pessoa, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do menor

\_\_\_\_\_  
Assinatura do (a) pesquisador (a)

CEP/CCS Endereço: Centro de Ciências da Saúde, UFP. Campus I – Cidade Universitária – Bairro Castelo Branco – CEP 58059-900 – João Pessoa PB – Faz 083 32167522. CNPJ: 24098477/007-05 – Telefone: 083 32167964 – email: comitedeetica@hulw.ufpb.br  
Contato com o Pesquisador (a) Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para a pesquisadora:  
Telefone: (83) 9 9607-8933–Patrícia Rodrigues dos Santos Endereço eletrônico: patricia-rodriguespsico13@outlook.com

### AGRADECIMENTOS

Ao meu Deus, que durante toda minha vida e principalmente na trajetória do meu curso sempre esteve presente, nos momentos difíceis, quando pensava em desistir ou acreditava que não conseguiria, aumentava a minha fé e força. Nossa Senhora de Fatima ao qual sou devota, agradeço imensamente, pois sempre intercedeu por mim junto ao Pai.

A minha família, que sempre ensinou o valor dos estudos, apesar da distância sempre participou da minha vida, acreditando em minhas capacidades, às vezes mais do que eu mesma. Em particular minha avó Laurinda Rodrigues, minha tia Elza Saturnino e minha prima Elzilene Saturnino.

Aos meus pais Maria Félix e Ronaldo Saturnino, por sempre apoiar minhas escolhas, sonhos e planos e por me darem a segurança de que não importa às dificuldades que possa vim enfrentar, sempre estarão prontos para me amparar.

Aos meus amigos: Andreza Estanislau, Lucas Ferreira, Sâmara Cassia, Raiza Oliveira, Aline Lacerda, Jaqueline Ferreira, Suelen Fernandes e Alanna Lima que conheci durante esse período de formação, que levarei pra vida, sempre buscaram compreender meus defeitos, minhas ansiedades e tentando me ajudar em todas as situações, tornando assim minha segunda família.

Em especial Jordana, que me acompanhou nessa trajetória do curso, sendo uma amiga, irmã, me ajudando a conseguir superar meus medos, acompanhando quando mais precisava, em especial suprimindo a minha falta de casa.

A todos os meus colegas de curso por todas as contribuições que trouxeram para o meu crescimento acadêmico e por todos os conhecimentos que construímos juntos.

Por fim, a minha orientadora Mariana Lins por me conduzir com serenidade e paciência. Por ter me proporcionado grandes aprendizagens sobre conhecimentos que hoje me são primordiais como estudante e como pessoa. Por ter tido a coragem de embarcar comigo nesta pesquisa que desde o início já demonstrava as inúmeras dificuldades que enfrentaríamos. E principalmente por entender as minhas limitações e dificuldades.